



## ATA 8º ENCONTRO DO GT PADRÕES DE SUSTENTABILIDADE

Reunião em formato virtual  
Data: 24 de março de 2021  
Horário: 14h30

**Objetivo:** Avaliação do 1º Seminário sobre “Riscos e Recomendações na Cadeia do Valor do Açaí” e articulação para a organização do 2º Seminário, que ocorrerá no dia 22 de abril de 2021.

**Participantes:** Fernanda Vaz (FCS), Ronaldo Freitas (UEBT), Dolores Brito (Inmetro), Rogerio Correa (Inmetro), Renata Guerreiro, Maria Luiza Benini e Caroline Fontolan (Instituto Terroá).

### **Pautas**

- Avaliação do 1º Seminário sobre “Riscos e Recomendações na Cadeia do Valor do Açaí”;
- Organização do 2º Seminário;
- Apresentação - Síntese do mapeamento de riscos, recomendações e desafios.

### **Temas dialogados**

#### **Avaliação do I Seminário - Tema: Produção e Manejo**

O evento, em termos de engajamento, participação e qualidade do debate, foi muito bem desenvolvido e executado. Foi enfatizado a importância da participação de produtores e também pessoas da academia, trazendo diferentes visões dentro de um mesmo assunto.

Quanto às soluções em andamento, foram comentadas ações quanto às linhas de crédito que o Manejaí vem acessando, via Projeto Bem Diverso; tratamento de água para produção de açaí; monitoramento da doença de chagas; a experiência da COFRUTA quanto à produção de óleos de produtos da sociobiodiversidade, de forma complementar à produção de açaí; segurança do trabalho por meios dos treinamentos pela COFRUTA; desenvolvimento de EPIs, junto das cooperativas e do Instituto Peabiru, com o trabalho na Sementes do Marajó, etc. Todas essas colocações possibilitaram aos participantes ampliar suas visões quanto às ações já realizadas, para continuarmos pensando e desenvolvendo cada vez mais tecnologias para melhoria da cadeia.

Em relação à duração do evento, foi trazido que ultrapassamos o tempo inicialmente estimado, mas que se estendeu de acordo com o contexto do trabalho, que por vezes exige flexibilidade para ser executado com qualidade. Além do mais, os comunitários possuem desafios atrelados à questão tecnológica, e isso também deve ser



compreendido. Uma possibilidade para solucionar esta questão é a de reduzir o número de palestrantes, e assim deixar um tempo maior para o debate.

Fernanda trouxe uma importante reflexão ao grupo – o que estamos propondo para discutir como riscos, muitas vezes são desafios. No mercado temos: quais riscos não quero ter atrelado ao meu serviço? Por exemplo, a dificuldade no desenvolvimento do associativismo é um desafio, e comprar sem nota fiscal, é um risco para o mercado. **Foi acordado que iremos desenvolver um documento com essas delimitações, embasado em estudos já realizados.**

Um ponto destacado no seminário, que exige mais aprofundamento, foi a questão do trabalho infantil. O pessoal da COFRUTA enfatizou que se os jovens não forem inseridos na cadeia do açaí desde cedo, não irão querer continuar desenvolvendo esta prática quando crescerem. Rogério citou que em meio urbano, por exemplo, permitimos que os jovens participem de treinos de balé e futebol desde muito cedo. No contexto do açaí, não cobramos somente que os jovens/ crianças não participem, mas ainda penalizamos essa inserção.

**Fernanda se dispôs a procurar como o FCS aborda essas questões em seus trabalhos,** diferenciando o que é trabalho infantil e o que é estar inserido dentro do contexto cultural. Sabe que os mesmos seguem os tratados da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que possuem requisitos bem específicos para isso.

Ainda, sobre este assunto, a UEBT desenvolve trabalhos que refletem sobre isso e entende que se deve ter uma visão intermediária entre a visão do Brito/COFRUTA e uma visão das empresas. Sugeriu que os membros buscassem na internet por “Haribo Carnaúba”. Pelo fato desta empresa não ter uma visão mais ampliada em relação à cadeia, ela foi muito mal vista no cenário internacional. Isso mobilizou extremamente a cadeia da carnaúba. Desse modo, é necessário considerar vários cenários e pontos de vista, para não colocar também em risco a posição da empresa. A UEBT considera, além do trabalho, se as crianças estão na escola, se é um trabalho familiar e se ela está em segurança. Apesar disso, em um momento ela pode estar num contexto familiar e, em outro, estar trabalhando para uma outra fazenda. Não podemos só aceitar a colocação de que é um trabalho comunitário, mas sim dar garantias de direitos às crianças. Precisamos considerar o olhar dos comunitários, mas também colocações de comércio justo.

Renata pontuou que o papel dos organizadores do evento não é julgar os comunitários, mas sim de vislumbrar o que tem dado certo. Por exemplo, se existe uma experiência de contraturno sendo desenvolvida, que concilia o trabalho do jovem com a escola. Nos perguntamos, eles estão indo para a escola de forma efetiva mesmo assim? Estão conseguindo ter um bom aproveitamento em sala de aula, com qualidade de ensino-aprendizagem? Podemos, desse modo, identificar experiências-piloto, no sentido de que possam ser experimentadas em outros territórios e comunidades.

Dolores trouxe que podemos explorar indicadores mais amplos, macrorregionais, tentando demonstrar os benefícios que isso está gerando, não de uma forma



individualizada. **Se dispôs a pesquisar sobre esses indicadores e trazer para pensarmos em conjunto.**

Malu pontuou que, em relação à questão ambiental e segurança no trabalho, observa que já avançamos bastante quanto à realização de estudos e desenvolvimento de tecnologias dentro da cadeia do açaí. Mas em relação ao trabalho infantil, ficamos entre questões super importantes: por um lado temos o desejo de minimizar o êxodo rural, de modo que os jovens participem das atividades tradicionais e da agricultura familiar, e, por outro lado, a questão da exploração do trabalho infantil. É importante delimitar o tipo de trabalho que esses jovens participam, considerando que a coleta de açaí é um dos trabalhos mais perigosos que existem, talvez abordando um trabalho voltado para a questão do Jovem Aprendiz. A mídia vê tudo isso e nomeia com uma nomenclatura só, que é o trabalho infantil. É necessário demonstrar que existem modos de garantir a segurança dos jovens, através da utilização de EPIs e equipamentos, enfatizando que isso também é importante para a cadeia. Como nossa pretensão é elaborar um documento delimitando o que é açaí sustentável, que engloba a parte social também, devemos explorar esse assunto de modo mais aprofundado.

Dolores ainda trouxe outra contextualização. Do ponto de vista internacional, temos um olhar de consumo por caridade de alguns produtos advindos da América Latina. Mas como fazer com que esse consumo valorize a cultura tradicional, por meio da comunicação? Mesmo que possuam problemas, fazem parte da riqueza cultural local.

Outro ponto interessante é a recusa dos coletores quanto à utilização de EPIs por não serem esteticamente bem aceitos. Cabe então propor soluções que contemplem todos os envolvidos. Sobre as tecnologias de coleta, Ronaldo comentou que vai levar tempo e exigir recursos para vislumbrarmos grandes modificações.

### **Organização do 2º Seminário – Processamento (Transporte, distribuição e beneficiamento)**

Data definida: **22 de abril, às 9h**, com o mesmo período de duração (2h30).

Para esse bloco, em específico, temos as seguintes **questões a serem trabalhadas**:

- cumprimento de normas sanitárias;
- regularização das batedeiras e agroindústrias;
- gestão de empreendimentos;
- descarte inadequado de resíduos; acesso aos padrões de sustentabilidade e;
- assistência técnica reduzida.

### **Palestrantes sugeridos:**

- Leomar Prezotto para discutir sobre normas sanitárias, tema pouco aprofundado em eventos, e também um super gargalo na cadeia produtiva do açaí (Renata irá realizar o convite);



- Kelly (UEPA), coordenadora de um grupo de extensão que desenvolve trabalhos relacionados à questão do aproveitamento de resíduos e do caroço do açaí (Malu irá realizar o convite).

### **Sugestões para o evento:**

Sobre a dinâmica do evento - foi pontuado que poderíamos tentar distribuir melhor a palavra, convidando mais pessoas a contribuir. Além disso, foi enfatizada a importância de abranger vários portes, como uma indústria e uma bateadeira, para que desse modo tenhamos diferentes perspectivas sobre o assunto. A fim de integrar mais visões diferentes ao assunto, foi definida a participação de dois palestrantes, para aumentar o tempo de diálogo geral.

Ronaldo, na perspectiva de discutir sobre as temáticas escolhidas, comentou que acredita que o Leomar vai trabalhar a questão das agroindústrias e que o reaproveitamento de resíduos é extremamente importante, visto que o caroço é descartado em diversos locais, causando impactos ao meio ambiente.

Além disso, foi levantado que trazer uma visão acadêmica possibilita que possamos enxergar de modo geral o que vem sendo feito e quais são as possibilidades. Além dos participantes, foi enfatizado a importância de pensar também nos convidados, que tiveram também grande participação no último seminário, e podem contribuir também no próximo.

Fernanda comentou que sente falta da questão de regularização em relação aos temas que serão abordados, no contexto da gestão do negócio, neste seminário, visto que um dos grandes problemas da cadeia diz respeito à formalização. Renata pontuou que podemos deixar no nosso radar essa perspectiva, podendo ser trabalhada posteriormente com mais profundidade também. Além disso, Malu sugeriu que podemos refletir sobre organizações comunitárias que tenham se organizado de forma interessante, para participarem como convidados, ou mesmo uma empresa que faça esse meio de campo quanto a organização.

### **Síntese do último seminário**

Malu exibiu planilha que compilou os temas trabalhados e expostos no seminário anterior, alocando riscos, soluções que já estão sendo implementadas, soluções inovadoras que ainda não foram implementadas e as instituições que trabalham na perspectiva dessas soluções.

No seminário, abordamos questões importantes relacionadas às condições ecológicas/ambientais, às condições fitossanitárias, segurança no trabalho, trabalho infantil e êxodo de jovens, acesso a padrões de sustentabilidade, assistência técnica reduzida, diminuição dos serviços ambientais da floresta, desafios na inserção de mulheres.



Também, apareceram questões relacionadas às temáticas que serão tratadas no bloco II. Para visualizar as colocações levantadas, foi produzido um documento, que pode ser acessado através do link:

[https://docs.google.com/spreadsheets/d/1hm6TZg3sD3JvuafXCKA55oV5L\\_2PSYxu0OL\\_L0vNkYok/edit?usp=sharing](https://docs.google.com/spreadsheets/d/1hm6TZg3sD3JvuafXCKA55oV5L_2PSYxu0OL_L0vNkYok/edit?usp=sharing)

Se houver a necessidade de complementar alguma colocação, os membros podem acessar o documento e fazer alterações, de modo que seja incrementado ao longo do tempo, em construção colaborativa. A gravação do seminário foi disponibilizada no Youtube, no canal do Instituto Terroá e, posteriormente, o relatório do evento será compartilhado com todos.

### **Encaminhamentos**

Como foi identificado que precisamos nos aprofundar na questão do trabalho infantil, ao final dos três seminários foi sugerido a realização de um quarto encontro. Para compreender melhor o assunto, Fernanda se prontificou a buscar maiores informações sobre como o FSC aborda essas questões em seus trabalhos, e Dolores de buscar indicadores macrorregionais para facilitar o entendimento geral.